

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Preço avulso: 25\$00

O NOVO FANGUEIRO apareceu e de uma maneira geral agradou. Ele veio preencher uma lacuna muito sensível na nossa terra e por isso as pessoas revelaram-se satisfeitas e muito receptivas ao aparecimento do novo periódico.

Houve algumas devoluções (neste momento ainda não é possível quantificá-las); umas, porque as pessoas não estão ainda preparadas psicologicamente para gastar dinheiro em jornais; outras, porque não simpatizam com alguns dos elementos fundadores e ainda uns tantos porque o ou os responsáveis não vão tomar a bica no seu café.

Tudo previsto quantitativamente. Houve com efeito renúncias surpreendentes. Concedemos aliás uma franja de 20% de desistências aos pos-

EDITORIAL

síveis assinantes que foram pensados no pressuposto de aceitarem uma inscrição anual. Essa margem não foi atingida para já.

Houve esquecimentos, alguns quase impensáveis, pois tratava-se de pessoas do nosso quotidiano. De qualquer modo, foi-nos gratificante constatar que os pedidos voluntários de assinatura superaram para já em muito as renúncias assinaladas.

O NOVO FANGUEIRO está ao serviço de Fão e de todas as associações da terra. Se alguma agremiação local pretender inserir uma folha ou uma página no nosso jornal, nós estamos receptivos a tal hipótese.

Corolariamente gostaríamos que em torno deste jornal se juntassem todas as boas vontades, toda a cooperação, para permitirem que esta nossa vila tenha o jornal que o seu nível e prestígio merecem.

O DIRECTOR

O Perfil de hoje:

ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Estamos a vê-lo: muito hirto, cabeça erguida, passo marcial e cadenciado, batendo o chão com a ponta do inseparável guarda-chuva. Era o escultor António Carlos Esteves, simbiose de barcelense e de fangueiro, pois se a cidade de Barcelos lhe deu o berço, a terra fangueira proporcionou-lhe família, casa e habitação. Não sabemos qual delas mais amava mas temos a certeza que a ambas estremezia.

A propensão ambivalente do seu bairrismo como que se transmudou para a dificuldade em determinar a sobrevalência na sua aptidão artística: pintor ou escultor?

Possuía, é certo, o curso de escultura da E.S.B.A.P., realizou alguns trabalhos em gesso como os bustos de Manuel Boaventura, António Correia de Oliveira, Marcelino Queirós e ainda outros projectos, mas como aquarelista era empolgante. Disse dele um amigo muito próximo: «Valia a pena observá-lo nas dunas diante do cavalete ou sentado, olhando o mar na luz quente do Sol-pôr. Nessas ocasiões todo ele era concentração, integrado na paisagem. Nessa altura fazia parte do movimento e da



O Escultor António Carlos Esteves visto por Alceu

cor das areias ou das águas do mar: a cor e o movimento das suas aquarelas».

Era na verdade um artista total que na tela plasmava a natureza vivenciada pela sua alma de artista e configurava

(Continua na pág. 4)

Emigração «fangueira»

para a Póvoa de Varzim

Com o desenvolvimento da actividade piscatória na Póvoa de Varzim a partir de meados do séc. XVIII, verifica-se uma crescente emigração da população de várias localidades do litoral norte, para esta povoação.

Assim, constatamos que alguns elementos são naturais de Fão, cujo gentílico era denominado de «Fangueiros».

Na Póvoa de Varzim, os seus naturais identificavam os estranhos à terra, quer pelo nome da localidade de que eram oriundos, quer pelo seu gentílico, que passava a constituir a sua alcunha. Com a passagem da alcunha aos des-

centes, esta fixava-se como apelido, o que veio a consumir-se com os novos habitantes oriundos de Fão.

Chegados à Póvoa de Varzim, como pescadores que eram, casaram com mulheres da «terra» pertencentes à pescaria local.

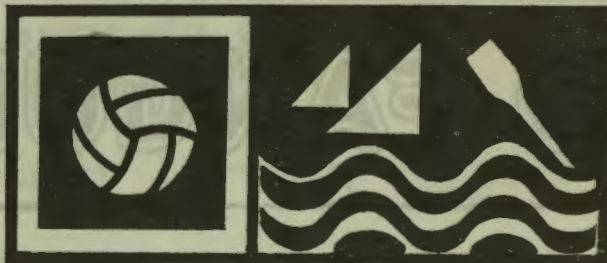
São os seus descendentes, elementos bem conhecidos de toda a população piscatória poveira e de Vila do Conde, para onde os seus habitantes se estenderam.

Ao cruzarem-se com a população local passaram a obter alcunhas pró-

(Continua na pág. 4)

DESPORTO

por
ZÉ LUÍS RIBEIRO



Equipa de Juvenis: PRESENTE!

No primeiro número deste jornal falámos sobre o C. F. de Fão, equipa sénior, não mencionando intencionalmente a sua equipa de juvenis, pois entendemos que este tema era suficientemente importante para merecer um artigo separado.

Os juvenis situam-se num escalão étário que vai desde os 14 aos 17 anos, idade esta que possibilita melhor a escolha de carreiras e caminhos futuros. Sem entrar nos meandros da psicologia, já que o autor destas linhas não se sente muito seguro em tal matéria, gostaria contudo de acrescentar, fora do plano propriamente desportivo e competitivo, pormenores que julgamos importantes, ou seja, desejaria elucidar muitas pessoas que inconscientemente não levam em conta objectivos que se nos afiguram muito mais importantes do que o simples jogar a bola.

Na nossa modesta opinião o ambiente social que rodeia toda uma equipa futebolística parece-nos ser o mais relevante. Assim foi extremamente salutar ver uma grande parte dos futuros homens de Fão ocupados na prática desportiva muito necessária ao desenvolvimento harmonioso de corpo e do espírito; foi consolador ver jovens procedentes de extractos sociais variados conviverem intimamente, irmanados no mesmo firme propósito de conseguir bons resultados futebolísticos; foi gratificante ver que todos foram tratados por igual, que todos usufruíram das mesmas oportunidades, vingando no final a competência de cada um, como deveria acontecer em todas as coisas.

Em Fão na última época houve uma equipa de juvenis que constituiu um êxito total desportivamente falando, ao vencer uma «série» com clubes melhor apetrechados e passando à série de apuramento para o «Nacional». Aí, embora não tendo atingido a «meta», conseguiram mesmo assim bons resultados, ao empatar com o Gulmarães e o Braga, e ganhando ao Riopelle, terras com outra envergadura financeira.

Foi sem dúvida um sucesso desportivo com rentabilidade social e cultural.

O aparecimento desta equipa só foi possível graças à carolice de duas pessoas a quem Fão já muito deve, Raúl Pimenta e Eugénio Barreira. Dispenderam muito trabalho, andaram de porta em porta, sollicitaram favores, venceram dificuldades enormes, gastaram muito dinheiro seu, mas a sua luta foi ganha, o seu ideal atingido.

Talvez que nem todas as ajudas foram dadas da parte de quem lhas devia dar.

Por nós, dentro das nossas limitações dar-lhe-emos todo o apoio.

Que Eugénio Barreira e Raúl Pimenta prossigam nos seus propósitos são os nossos votos e com certeza de toda a população local.

Com muita garra e muito querer o Esposende guindou-se ao fim de três anos, da 3.ª Divisão da A. F. de Braga à 3.ª Divisão Nacional.

O Mundo em que vivemos

«Eu vi o meu irmão a arder!»

Elas estavam lá. Inofensivas na aparência, sinistras no conteúdo. Grandes latas, bidões, contendo restos de líquido, encontravam-se em terreno público na freguesia de Rio Tinto, Gondomar, provenientes de uma fábrica local.

Foi no dia 1 de Maio. Um grupo de rapazes passou. Todos à volta dos 14 anos, naquela idade irrequieta em que o espírito travesso e de aventura os faz ver nas coisas mais incríveis motivo para uma nova brincadeira. Aproximam-se das latas. Um dos jovens, o Horácio Vieira Alves, vai lançar numa delas o conteúdo de outra.

Aí a tragédia. A explosão. O líquido supostamente inofensivo é agora um mar de chamas que envolve o inditoso rapaz. Dois outros são também atingidos pelas labaredas, mas só o Horácio não resiste às queimaduras, «herói» falhado de uma «aventura» que não teve tempo de viver.

Um seu irmão, o Paulo, conta na simplicidade terrível das palavras definitivas: — «Eu vi o meu irmão a arder e já não tive coragem para ir lá. Outros acudiram...»

Ora todos nós, adultos, sabemos que não se deve mexer no que não é nosso, ainda que exposto em terrenos públicos; mas ninguém ignora, também, o espírito de travessura, de despreocupação, de improvisação de folguedos à base dos mais variados objectos, de reduzida noção do perigo, que são características bem marcadas dos chamados «verdes anos».

Por isso, deixar perigosos bidões

Como munícipes que somos do concelho de Esposende não podemos deixar de nos congratularmos com a carreira triunfal da equipa representativa deste concelho e augurar-lhe uma longa permanência numa zona onde o profissionalismo já assentou arralais.

O novo troço de estrada futebolística vai ser muito mais difícil e nós só fazemos votos para que todo o concelho apole a vitoriosa equipa de Esposende. Bom, quando fôr um Fão-Esposende... a velha rivalidade de sempre, mas isso serão outras contas.

PROF. EUGÉNIO BARREIRA

Com boa classificação frequentou e concluiu na cidade do Porto um curso de treinadores de futebol o nosso amigo Prof. Eugénio Barreira.

A ele se deve em grande parte o êxito obtido pelos nossos juvenis na época finda. Só fazemos votos para que permaneça em Fão e continue a desenvolver a magnífica escola de jogadores que já criou juntamente com outro carola, Raúl Pimenta.

sem resguardo nem aviso em lugares de passagem de jovens (e não só) não será o mesmo — ou pior — que pôr «veneno dos ratos» ao alcance de criancinhas?...

Que a morte deste moço não tenha sido em vão. Que não haja mais bidões despreocupadamente deixados no caminho, numa oferta mortal.

Que mais ninguém tenha que pagar, como o Horácio pagou, o mais alto preço — a própria vida — por uma brincadeira que não chegou a brincar.

E. REAL

Pagamento do Jornal

Muita gente nos pergunta como deve ser feito o pagamento do jornal. É fácil. Se for de longe, envia um cheque-zinho de esc. 350\$00, endereçado a «O Novo Fanguero» ou a qualquer dos seus proprietários. Se for da terra, o pagamento é directo.

Apesar das aparências, o pagamento dum assinatura anual fica mais barato porque no ano sairão 14 ou 15 números.

E depois não olhem a essas niquices. Assinar «O Novo Fanguero» é sobretudo um acto de bairrismo.

FANGUEIRADAS

por DIAS COSTA

É claro que a gente (nós, nós todos) resolvemos os problemas do país sentados à mesa do café. «Resolvemos todos» os problemas deste país que não se sabe quando o será verdadeiramente (país). Será para os nossos netos?

Pois resolvemos. Com a mesma facilidade com que, à mesa do café, «ganhamos» todos os jogos da nossa equipa, porque jogaríamos com este futebolista e não com aquele. Somos, portanto, um bom exemplo para os autarcas, sempre tão aflitos para solucionar as carências do seu concelho, da sua freguesia, do seu lugar. Mas eles (os autarcas) são «uns importantes» e não se sentam à mesa connosco, a tomar a bica. Vai daí, nós não os podemos ensi-

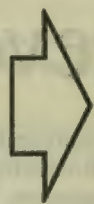
Ser ou não ser (bom) Autarca

nar a fazer um Portugal ao nível de uma Suécia, Suíça, Dinamarca, Holanda ou de outras nações que, como aquelas, não são países ... adiados.

De qualquer forma, nestas «Fangueiradas», eu atrevo-me a dar o que julgo ser bom conselho a muitos autarcas desta santa terrinha. Uma opinião resultante dos muitos contactos e exemplos que tenho extraído da minha actividade de jornalista no contacto diário com populações e autarcas. É que, nesses contactos, eu verifico muitas vezes a seguinte realidade: num concelho qualquer, como, por exemplo, dez freguesias, em nove delas já há luz eléctrica, água ao domicílio, saneamento básico, recolha de lixo, escola. Mas, numa outra que completa a dezena, as populações não desfrutam ainda daqueles bens essenciais e ... «constitucionais». Vai daí, o que fazem os autarcas daquela Câmara? Pegam no pouco dinheiro que têm e, em vez de o destinarem àquela freguesia tão carenciada, dando-lhe tudo aquilo que tem (ou devia ter) prioridade, distribuem-no por algumas das nove restantes, com o fim de criar um edifício da Junta muito bonito ou qualquer outra obra, a que não se nega utilidade, mas que não é (não devia ser) preferencial, tendo em vista as carências tão importantes da tal que está esquecida.

Acham isto bem, amigos autarcas? Desculpem a crítica, que me parece mais subsolada do que aquelas das mesas de café em que a gente (nós, nós todos) resolvemos tudo.

Crítica «sem rancor» e com o convite para tomarem comigo um ... cafezinho.



O PROBLEMA DAS AREIAS

Não é a primeira vez que abordamos o assunto da extracção das areias e cremos que não será a última. Já afirmámos algures que uma maior incidência por parte das Câmaras, um possível reforço de vigilância exercida pelos municípios, uma maior atenção centrada sobre os areeiros constitui uma cortina de fumo, uma autêntica manobra de diversão que visa camuflar as dificuldades que as autoridades sentem para libertar os rios, no nosso caso, o rio Cávado, da acção dos poluentes e, portanto, das fábricas poluidoras.

Na verdade as coisas não são tão fáceis de resolver pois, se o fossem, já o tinham sido (La Palisse). A luta entre a poluição e a ecologia é uma das consequências fatais resultantes da sociedade de consumo em que vivemos ou, com mais exactidão, é a factura, o custo da crescente industrialização verificada nos nossos dias. Daqui não há que fugir mas há processos de atenuar a situação.

Hoje, porém, não é nosso objectivo imediato falar da poluição das águas, pois preferenciamos o assunto da ex-

tracção das areias no rio Cávado. E mais uma vez tornamos a repetir que a extracção das areias, se fôr suficientemente fiscalizada e previamente programada com o apoio de estudos específicos, pode tornar-se benéfica não só para a navegabilidade como também para o incremento das espécies piscícolas.

Entendemos que aqui também este problema deve ser tratado de frente e não dissimuladamente. Queremos com isto dizer que devemos chamar as coisas pelos seus próprios nomes. Exemplificando: A juzante da ponte de Fão está a proceder-se a uma extracção de areias que pomposamente se reclama de: «Dragagem de um canal da Ponte à Foz». (É o que se lê no local). Ora nós e todas as pessoas mediocrementemente dotadas (de inteligência) constatamos que ali está a acontecer uma simples mas muito activa tiragem de areia, sem outro objectivo que não seja esse mesmo. O resto é camuflagem.

A partir deste negócio, indústria ou comércio (chamem-lhe o que quiserem) que nós aceitamos, vamos extrair dele os maiores benefícios para a terra. Dizem-nos oficiais do mesmo ofício que a abertura do tal canal está a veicular para a firma extractora um lucro diário nunca inferior aos cento e cinquenta contos. (É só contar os camiões). Quanto recebe a Junta? Nada ou quase nada e aí é que está o mal.

As concessões de extracção de inertes deviam ser penalizadas com a obrigatoriedade de executar obras locais exactamente como acontece com o alvará concedido às casas de jogo (casinos). O rio pertence às terras que percorre e pensamos por isso que as autarquias deveriam ser parte interessada no negócio. É certo que se trata de uma situação nova e que as leis em Portugal tardam a adaptar-se. Neste sentido entendemos que os municípios deveriam actuar depressa e em força. No que a Fão diz respeito sugerimos que a continuação e o acabamento da avenida Beira Rio, em boa hora iniciada por Agonia Pereira, deveria ser deferida à responsabilidade dos homens da areia que actualmente operam em Fão. Isto para já.

P. S. — Já depois de este texto se encontrar no prelo, foram publicadas no Diário da República novas directrizes sobre a extracção de inertes. Muitas a doer e uma maior capacidade decisória da parte das autarquias. Elas são directamente responsáveis no que de futuro acontecer. No resto o nosso artigo mantém plena actualidade.

CARTAS AO DIRECTOR

Agradeço a V. Ex.^a, o envio do primeiro exemplar do mensário «O Novo Fanguelro».

Eu já tomara conhecimento dos propósitos de V. Ex.^a através da reportagem transmitida pela televisão.

Felicito os obreiros de tal iniciativa, num mundo de tantos obstáculos.

Penso que foi uma iniciativa feliz, a escolha do título para o vosso jornal.

Todos os Fangueiros deverão ter orgulho em que o nome de FÃO saia do anonimato a que tem sido votado pelos órgãos de Informação.

FÃO tem uma história de mais de sete séculos, o que deve constituir um motivo suficiente para a sua presença viva no quadro nacional.

Também os que possuem o apelido FANGUEIRO e que vivem fora de FÃO, poderão sentir através do vosso jornal a compreensão do seu real significado.

Gostaria que além do presente, também o passado fosse abordado, para um conhecimento melhor da identidade de FÃO.

Quando receber o segundo exemplar, enviarei através de um colega de trabalho, o «valor» de uma assinatura anual.

Receba os meus melhores cumprimentos, com os votos de bom êxito.

ÓSCAR FANGUEIRO

A. S.

António Carlos Esteves

(Continuado da pág. 1)

os seres humanos através duma exegese de rara sensibilidade. Ele radiografava as pessoas e transmitia ao pincel ou buril os traços marcantes das suas personalidades.

O Busto de Marcelino Queirós na cerca do hospital de Esposende ajuda a definir a sua arte. «Dado tratar-se de um homem de acção, desnudei-lhe uns ombros largos, sem a tradicional gravata mais o casaco; escanteei-lhe a testa, visto tratar-se de uma pessoa com êxito e, portanto, dotado de inteligência; finalmente alisei-lhe os lábios para exprimir a serenidade de que estava possuído» — isto confidenciou-nos o artista num dos longos debates que por vezes travávamos.

Finalmente outra dúvida dilemática. Que faceta mais vincante António Carlos personalizou em Fão: Artista ou Comandante dos Bombeiros?

É verdade, durante vários anos serviu o Voluntariado em funções de comando. Era, aliás, conhecido e tratado geralmente por «Comandante». Talhado para o cargo? As opiniões divergem. Era pouco ou nada burocrata. Não era um chefe para dar ordens mas era um superior que se fazia respeitar e obedecer.

O seu trato sempre correcto, a limpidez das suas atitudes, o respeito pela palavra dada emprestavam dignidade e prestígio à corporação que servia. A sua maior exigência era o aprumo dos sol-

dados onde quer que se apresentassem.

Foi no entanto nos Bombeiros que encontrou os maiores dissabores, somados também a muitas alegrias. O seu abandono foi muito controverso e rachou mais uma vez a freguesia ao meio. Teve porém um mérito: reactivou um núcleo de indefectíveis amigos que mantêm um perene culto de fidelidade à sua memória contra o qual nem o tempo nem a morte têm poder.

A. SARAIVA

É INCRÍVEL!...

(Continuado da pág. 8)

la-se, por isso, a todos os veraneantes — e não só — que, principalmente à noite, respeitem o descanso dos que têm que trabalhar.

NÃO OBSTANTE ESTE APELO, deveria legislar-se no sentido de dar prioridade à venda de veículos pouco ruidosos; os impostos para estes deveriam ser menores. Mesmo assim, haveria sempre quem fizesse alterações mecânicas, à procura de ruído. Para esses, as multas seriam pesadas.

Juntando ao que fica dito alguns roubos, transgressões de trânsito na zona da praia (principalmente nos fins-de-semana estivais), e, há bem pouco tempo, um assalto ao Banco, pergunta-se: — Para quando um Posto da Guarda aqui em Fão?...

Será que irão passar-se mais vinte anos sem que esta questão se resolva? Será que teremos que assistir a mais assaltos a bancos (e não só) impunemente? Será que os «cascadeurs» portugueses irão continuar a massacrar-nos os ouvidos? Será necessário que o trânsito chegue ao caos?

Se assim for, é caso para todos os fangueiros gritarem em coro:

É INCRÍVEL!...

J. A. M.

Emigração «fangueira» para a Póvoa

(Continuado da pág. 1)

prias ou a usufruir as alcunhas de famílias poveiras, transmissíveis de geração para geração.

Eis o rol dos «Fangueiros» emigrados para a Póvoa de Varzim na transição do séc. XVIII para o XIX, ao longo de cerca de um século: Manuel Rodrigues Fangueiro, vivia em 1762; Manuel Domingues Fangueiro, vivia em 1767; António José Fangueiro, vivia em 1769; Manuel Bento Fangueiro, vivia em 1769; Manuel Rodrigues Pinheiro Fangueiro, vivia em 1770; Manuel Gonçalves Ladinho Fangueiro, vivia em 1772; José Rodrigues Fangueiro, vivia em 1775; Tomás dos Santos Fangueiro, vivia em 1787; José António Fangueiro, vivia em 1793; Manuel Francisco Rodrigues Fangueiro, vivia em 1797; Domingos Francisco Fangueiro, vivia em 1800; José António Fangueiro, vivia em 1801; Manuel Rodrigues Lagoa Fangueiro, vivia em 1801; José da Silva Fangueiro, vivia em 1801; Manuel André Fangueiro, vivia em 1819; Manuel da Silva Fangueiro, vivia em 1850; e José de Sousa Fangueiro, vivia em 1854.

Nas datas apontadas, já estes «Fangueiros» viviam na Póvoa de Varzim, de acordo com a documentação relativa a esta localidade.

ÓSCAR FANGUEIRO

NOVO INFANTÁRIO

Segundo informações que nos foram prestadas, a Provedoria do Hospital está à espera da aprovação do projecto do novo infantário por parte do Eng.º Costa e Silva do Centro Regional de Braga.

Logo que venha a luz verde daquele Centro, a Mesa do Hospital vai solicitar à Câmara de Esposende a confirmação do subsídio de 50% do total do custo da obra. Obtido este, o edifício começará a ser levantado no recreio das Escolas de S.ta Bárbara.

Lembramos entretanto que o digno Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Fão comprometeu-se publicamente a não iniciar quaisquer trabalhos sem que a Assembleia de Irmãos se pronunciasse sobre o assunto.



**ENTRE PINHAL E MAR,
JUNTO AO RIO...**

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de lodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FAO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 831-96 14 73/4 — TELEX 32837
(para Contactos pidos programáreis)

Um hotel de 1.ª classe. Cem quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhoas. Terrapços. Jardins. Relvedos. Piscinas. Ténis.

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-18 - 4700 BRAGA - TELEF. 75777

Princípio recordando...

Foi com imensa alegria que tive conhecimento da existência de um novo jornal em Fão — «O Novo Fanguero». Os meus sinceros parabéns vão para o conjunto que tão bela ideia teve, sobretudo para o seu Director, pelo arrojo revelado, pois sabe por experiência própria

do esforço e dissabores que passa todo aquele que está à frente de um jornal.

Fui solicitado, apesar do conhecimento que têm dos meus magros recursos literários para colaborar no novo jornal. Aqui estou a pedir para que tomassem sempre por crítica construtiva e nunca destrutiva toda a colaboração que passo a dar ao novo periódico.

Foram vividos em Esposende (terra onde nasci) os primeiros anos duma mocidade trabalhosa e cheia de emoções. Por temperamento e ânsia de ser adulto sempre gostei de acompanhar rapazes mais velhos. Um dia, um amigo que fazia parte do nosso grupo, disse

O QUIM FOI P'RA TROPA

O Quim é aquele moço que nos habituámos a ver ao balcão da Rita Fanguero.

Muito solícito, modesto, paciente, o Quim a todos atendia com um sorriso nos lábios. Era a calma personificada.

Pois o Quim foi p'ra tropa. E agora a gente já não o vai ouvir mais a acompanhar o Pimenta nas suas rusticanas fangueras. Aquilo é que era um dueto!

Pois é, Joaquim. Agora não há mais bicas, nem clarinhas, nem chá de camomila.

Agora:

Atenção! Firmel! Sen...tiópel...

que não só em Vila do Conde havia rendilheiras. Fão também as tinha e na sua maior parte viviam nas casinhas da Rua das Pedreiras. Levado pelo entusiasmo o nosso companheiro tecu os maiores elogios à sua beleza e graciosidade.

Eu tinha então à minha guarda um meio de transporte que fazia toda a gente parar à sua passagem. Era um carro com dois jeriquinhos que em dias festivos enfeitava com chapéus de palha ornados de fitas vermelhas e grevas também da mesma cor. Aliás o saudoso poeta e pintor António Campos fez-lhes uma referência elogiosa em artigo publicado no jornal de Barcelos.

O meu amigo deveras entusiasmado lembrou que podíamos ir naquele carinho até às Pedreiras ver as beldades por ele referidas.

Todos entusiasmados lá nos dirigimos pela ponte fora a caminho de Fão. Era uma tarde amena de Setembro. Deslizando serenamente por aquela rua estreita mas sem movimento, acabamos por deter os bichos, enfeitados como em dia de festa, em frente duma das muitas rendilheiras que se encontravam sentadas às portas das suas casas. Não por acaso, diga-se. Uma dúzia de miúdos aproximadamente, cercou aquele conjunto talvez inédito para eles. Em nossa frente uma morena de olhos inesquecivelmente fascinantes ria, ria, olhando para os chapelinhos dos jericos e respectivas grevas. Ela segurava a sua almofada mesmo em cima dos joelhos, não parando de entrelaçar os bilros com uma destreza impressionante.

Quantas saudades desse tempo em que os rapazes procuravam as raparigas em suas casas, sempre vigiadas pelos olhares atentos das mães. Agora eles se chocam com elas nos liceus, escolas, fábricas, hotéis, etc., etc. Outros tempos... vida nova.

E urgente arranjar a Rua das Pedreiras

Precisamente porque os tempos são outros não pode nem deve a estreita rua das Pedreiras suportar por mais tempo o trânsito que actualmente tem com aqueles buracos tão incómodos. É imperioso acudir aquele estado de coisas, mormente quando se pode repetir o que já tem acontecido: desastres e até mortes.

Para quando o trânsito é desviado para a nova estrada?

Assembleia de Freguesia

É deveras lamentável que o presidente da A. F. não tivesse convocado as reuniões periódicas como é sua obrigação; se o tivesse feito é natural que as coisas em Fão tivessem tomado outro rumo. Pensam melhor treze pessoas do que duas... ou três.

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
 Maria José Barra Reis Pimenta
 Dr.ª Maria Emília Corte-Real
 António Agónia Pereira
 Dr. José Augusto Madureira
 José Luís Ribeiro
 Carlos Dias Costa
 Jorge Silva

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
 José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
 Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
 Praça João XXIII — Telef. 60318
 4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

PREÇO AVULSO: 25\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
 AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845



Tal como em todas as histórias, também hoje eu poderia começar assim:

Era uma vez um pastor ...

É verdade, li-o no jornal e precisamente no Dia da Mãe!

Acaso? Coincidência? A verdade é que a notícia ensombrou de certo modo o meu dia de mãe e talvez o de muitas mães que, como eu, através do jornal, ficaram a saber que um pequeno pastor, de treze anos, se matou com um frasco de remédio, porque lhe fugiu o rebanho!

Era uma criança que, pela segunda vez, perdia o rebanho e que, da primeira, teria sido fortemente repreendida e espancada, no dizer da população da sua terra. Teria sido, com certeza o medo de nova e semelhante provação, o que teria feito com que este pequeno pas-

É INCRÍVEL!...

Se há vinte anos atrás, não é preciso ir mais longe, de um avião que sobrevoasse Fão se tivesse tirado uma fotografia e o mesmo se voltasse a fazer agora, certamente que as duas paisagens seriam muito diferentes.

Ao longo destes vinte anos, a construção de casas foi implementada; estamos a pensar principalmente nas zonas do Ramalhão e dos Lírios, e na de Ofir, com o levantamento das Torres.

É evidente que isto acarreta um aumento populacional. A criação de indústrias circundantes e do Banco, trouxe o consequente emprego de muita gente, que se fixou nesta Vila.

Daí que aumentou também o bulício que no entanto não se pode confundir com os ruídos desagradáveis que muitos motociclistas e automobilistas por todo o lado espalham.

Estamos a chegar às férias e com elas a uma grande afluência de pessoas. Há, porém, que reparar que o tempo que para alguns é de férias, é para outros tempo de trabalho. Ape-

(Continua na pág. 4)

tor atentasse contra a sua tão tenra vida!

Vivia com uma avó e mais uma irmãzita, enquanto os outros quatro irmãos coabitavam com uma madrinha.

Separados, porque orfãos de pai e mãe!

Aqui reside, de certeza, a razão de toda a tragédia.

Criança só e triste, tão pequena para tantos trabalhos, tantas cansaças!

Se ela tivesse pais, se tivesse ao menos mãe, oh, eu sei que nunca se mataria!

Mãe, como mais uma vez, fizeste tanta falta! Que vida seria a desta criança sem o teu carinho, sem o teu peito amigo, sem o teu olhar doce, sem o teu beijo que conforta e que faz com que apeteça viver e lutar!

O pequeno pastor fracassou, era demasiado para si! Com os seus treze anos tinha de ganhar o pão, tinha de sofrer, devia caminhar só e ser forte. Mas ele não pôde mais e... preferiu acabar assim. Deus sabe se não seria o ardente desejo de poder reaver a mãe, em véspe-

ras de todos os outros homenagearem a sua!

Ele sabia que nela, se ainda a tivesse, teria encontrado mais uma vez a compreensão, o apoio e o perdão para a sua falta de ter deixado escapar o rebanho, talvez envolvido na brincadeira tão legítima para a sua idade!

E, como este, quantos outros, quantas vidas destroçadas, quantas crianças marcadas, quantas pessoas falhadas, pela ausência de amor!

Que feliz é, quem tem mãe!

Como deve sofrer aquele que pouco a conheceu, mas muito mais aquele que a teve e a perdeu!

Apetece-me dizer, depois de tudo isto:

— Mães, ficai sempre connosco.

Meus Deus, deixai que elas estejam presentes, no rotineiro dia a dia, na doença, na crise, no sofrimento e que partilhem das nossas alegrias também. Que sempre possam estar corajosas e firmes a fim de que os filhos sejam mais felizes e assim a vida cresça em cada um de nós, tornando o Mundo melhor!

ZINHA

Música... e não só.

Um dia, alguém disse:

— «A música é um bálsamo que anima o espírito» duma maneira geral, toda a gente tem alguém que canta e/ou toca as canções da sua preferência. Através da música, consegue-se mais facilmente comunicar, e fazer com que uma mensagem seja mais facilmente recebida.

Aproveitando esse facto, e com intuito de chegar a um maior número de «Tripeiros», a Câmara Municipal do Porto, levou a cabo uma grande festa no Palácio de Cristal, com a pretensão de um Porto (e não só) bem limpinho, onde o lixo não impere, era o slogan principal.

Essa mesma mensagem foi levada aos cerca de 15 mil espectadores pelos seguintes artistas:

Táxi (que já actuaram em Fão), Paulo de Carvalho, Maria Guindt e Carlos do Carmo.

Estes senhores(as) conseguiram juntar em seu redor milhares de pessoas, que ao ritmo de canções, se iam comprometendo a fazer com que realmente o Porto seja mais limpinho.

Vem a propósito esta introdução, uma vez que aqui no nosso recanto, também todos estamos interessados em ter um Fão aseado e acolhedor, e como tal, há que seguir o exemplo.

Temos uma sala de espectáculos, (sala Paroquial), temos músicos e cantores, (Sara Verde, Aguarela, e bons radistas), temos também o mais importante, que são as pessoas prontas a colaborar no embelezamento da nossa terra.

Aproximam-se os emigrantes, os vaneantes, os turistas, há que lhes dar as boas vindas, e com a mensagem de que «connosco, Fão é limpinho».

A música, é uma das maneiras de deixar ciente essa obrigação, porém há outras... Ao trabalho???

JORGE SILVA

<p>AVENÇA</p> <p>PORTE</p> <p>PAGO</p>	<p>«O NOVO FANGUEIRO»</p> <p>FÃO</p> <p>REIMEL, Lda</p>
--	---